

ASSIGNATURAS

Trimestre.....	24.000
Semestre.....	48.000
Anno.....	88.000



esposa? desmascarar os
nos 11.

PUBLICA-SE

Tres vezes por mes, nos dias
10, 20 e 30.

ORGÃO DOS INTERESSES DA SOCIEDADE MODERNA

FUNC—DA
Biblioteca Publica
"Benedicto Lotte"

...Et non tam animi parvâ fluctantem, et circumferentem omni vultu doctrinam,
in sapientia hominum, in animâ ad circumventionem erecta.

(S. Paulo, ad Epistolam, Epistola Cap. V, v. 14).

Maranhão, 20 de Janeiro de 1881

Propriedade de uma associação

O PENSADOR.

MARANHÃO, 20 DE JANEIRO DE 1881.

A batalha da luz.

O enorme amphitheatro da terra está completamente cheio. Em cada gradilho senta-se um século. As gerações passadas, as gerações presentes, assistem à grande luta que ha-de dar nascimento ao porvir. As primeiras—na gelida immobillidade do passado; as segundas—na actividade febril do presente.

E quem pelega n'essa arena descomunal? Quaes os gladiadores a cujo combate assiste o genero humano? Quem será o heroe d'esse torneo gigante? Que clarins lhe celebrarão a victoria? Onde está a dama que lhe dará a palma do triumpho?

N'aquelle arena dois guerreiros combatem. Mais que dois guerreiros—duas palavras sublimes. Mais que duas palavras—duas ideias gigantes. N'aquelle circo travam, ha seculos, uma luta realda—a creença e a sciencia—a treva e a luz.

A creença!—o mundo da negação das aspirações humanas. A creença!—um véo lançado sobre o Universo com esta divisa funebre—NÃO PENSAS. A creença!—A amputação enorme da razão a quem reprime os passos. A creença!—a base de todas as religiões—instituições que se hão banhado no sangue da humanidade. A creença!—a harpia que na India fez as castas, que no Egypto fez os escravos, que na Grecia matou Socrates, que na Judeia assassinou Christo, que na Europa toda fez as cruzadas, a inquisição, o jesuitismo, e essa noite de trevas—a Saint Barthelemy. A creença!—esse phantasma tetrico atraz do qual ha vivido o sacerdote—esse negro avatar do mal, que tem torturado as gerações.

E o outro combatente?—Ah! é um filho da luz. É a sciencia—a enorme avancan da perfeição. A sciencia!—Eden de verdades que se abre nos olhos do genero humano. A sciencia!—o telescopio lançado sobre o Universo para que o homem possa ver. A sciencia!—a nobilitação do ser pensante. A sciencia!—o oceano de luz em que a razão sobrenada. A sciencia!—a base de todos os direitos, de toda a justiça. A sciencia!—tempo cyclopeo em que se lê a divisa—Liberdade. A sciencia!—a filha do bem que na China fez Confucio, que na India deo nascimento a Kapila, que na Helade inspirou Aristoteles, que na Europa toda fez girar os seus astros de luz. A sciencia!—mundo que tem por soes—Newton, Kepler, Kant, Laplace, Voltaire, e uma herda de gigantes da ideia. A sciencia!—o balsamo eterno que ha ferido as feridas que na humanidade abriu o despotismo.

Taes são os dois combatentes d'este circo enorme. A armadura de um é a armadura de trevas. No escudo com que defende-se—vêm-se pintados os informes titulos do Hindostan, as esphinges silenciosas de Thebas, as saturnaes de Roma, os cavalletes e potros de tortura da ilha de media, a thian e o báculo do Papa, as fogueiras da Inquisição e a primeira pagina do Syllabus. Na armadura do outro é differente o espectral. Ali vê-se em relevo o bem agitar-se. No escudo com que para os golpes do adversario está desenhada a officina soberba do tra-

balho humano. Ali a penna de Voltaire confunde-se com o binculo de Galileo, o telescopio de Herschell com a machina de Watt; o telegrapho de Morse com os livros de Darwin e de Buchner; a invenção de Daguerre com as paginas philosophicas de Herder; o escalpello do anatomista com o prelo typographico; o aerostato de Montgolfier com a Legenda dos seculos de Hugo; a pillula de Volta com as obras de Augusto Comte. Tudo o que se descortina alli é gigante, embora confusamente esboçado. N'aquelle escudo ha uma epopeia enorme cujo primeiro canto é traçado pelo numero nas entranhas da terra e cujo epilogo é escripto no gabinete do sábio. É uma liada nova—porque é a liada da humanidade.

E os dois guerreiros combatem. Atacam-se com modorra furia. A creença, gotejando sangue, quer matar o adversario. A sciencia—essa só ambiciona desarmar o contendor. Uma tem a raiva por incutivo. A outra tem por estallido o amor do bem.

Mas subito o guerreiro da luz dá um tremendo golpe no seu contrario. A creença vacilla. Não é um golpe mortal, mas um golpe que enfraquece. As gerações applaudem-no. Um povo saudou-o entusiasmaticamente agitando a bandeira.

Que golpe foi esse? Responde-nos, povo do Brazil!

—Foi a elegibilidade dos acatholicos. D'hora em diante a creença não mais s'impõe no Brazil. O pensamento livre acaba de nascer n'esta terra de luz.

Curvai-vos ante o Sol que desponta.

O seculo XIX—o avatar da liberdade concebido no ventre de noventa-e-trez, é o seculo para o qual a verdade se tornou o objectivo de todas as aspirações humanas. Na Historia, na Philosophia, nas Sciencias naturaes, na Litteratura, na Sociologia—em tudo o que pertence á esphera do pensamento, da herosidade em busca da verdade. Ella—a mythologica grompha encerrada n'um povo, ha surgido á luz do seculo espantando com sua franca mixta as flegões euducas e heridas com que se vitara a razão.

Entre essas flegões duas havia infantis. Uma—a missão divina dos reis. A outra—a supremacia espiritual do bispo de Roma.—Uma que lha por fim escravizar os povos em nome de Deus. A outra—que almejava suffocar a razão humana sob o amplexo de ferro de uma doutrina cruel. Ambas miravam ao dominio absoluto sobre o homem. Uma maniatava-lhe o corpo. A outra agrihioava-lhe o espirito.

Noventa-e-trez erguendo-se como uma incarnação das diretos do povo, deu por terra com estas flegões reaes e sacerdotaes. Derrubou-as por meio da forza. Fazendo boquear estes dois postes de tortura abriu ao genero humano uma estrada nova. Foi n'esta estrada que as nações se precipitaram em busca do porvir.

No seculo actual as duas flegões já não são batidas pela forza. É a verdade quem as combatte. O povo não mais precisa de armas para provar que é soberano. A soberania do povo é uma verdade que se acha no dominio do direito, e que se confirma na consciencia das nações. Tambem a supremacia do Papa com quanto apparentemente mantida não mais existe em realidade. Os poderes do Vaticano deixaram d'existir no dia em que a hu-

manidade comprehendet que lhe assista o direito de livremente pensar.

Estas duas grandes verdades—a soberania do povo e a liberdade do pensamento, em nossos dias fazem parte da sciencia social e administrativa. A primeira é a base de todo o governo. A segunda trabalha para vir a ser o apoio de todas as instituições progressistas.

O Estado, que é a expressão do povo, tem porem ainda a combater as pretensões da Roma papal. Roma, não obstante os progressos da sciencia, não abandona sem luta a sua preponderancia. Acsada pela sciencia moderna estorrou-se por manter a sua dictadura espiritual. Pela intriga, pela astucia, pela manha, procura alfogar o livre pensamento que ameaça supplantal-a. Lisongia os governos para que lhe acatem as doutrinas como Religião do Estado. Trabalha para que o poder civil fore o povo a aceitar como imposição uma forma de creença propria á destruir a razão.

No Brazil esta influencia malefica fez-se sentir. Na sua constituição, n'esse brazão da liberdade de um povo, a imposição religiosa foi amihar-se. No artigo 5.º era a Religião Catholica proclamada a do Império. Tal medida importava em forçar todos os seus habitantes a pensar como Roma! E isto n'uma constituição—no diploma das liberdades da nação!

E este artigo tem subsistido! Subsistido para desgraça do paiz, para immobilisação das ideias! Subsistido para amihar um clero petulante a desrespeitar o Estado! Subsistido para negação dos direitos dos cidadãos brasileiros que só commettem um crime—não pensar como o Papa exige!

Felizmente que a aurota de um novo dia raiou. Proclamando a elegibilidade dos acatholicos, o Governo acaba de reconhecer o que ha de falso e de nao na imposição de uma creença. Se para representar um povo a uma camara legislativa não mais é necessario ser catholico, é porque a ideia religiosa em nada indue para a administração do paiz. Em vista de uma tal disposição a religião do estado torna-se desnecessaria. O que é desnecessario supprime-se. Suprima-se a Religião do Estado, e o Brazil terá dado um passo gigante na senda da civilisação.

Nada mais sagrado existe do que o forum intimo—o tribunal da consciencia humana. Essa consciencia tem sido sempre victima das instituições religiosas. D'essas instituições, a mais immobilisadora, a mais intolerante, a mais nociva, a mais hostil, é aquella que tem o Papa por chefe. Querendo a unidade de pensamento d'aquelles que lhe acatam as doutrinas a Igreja trabalha para a cretificação da humanidade. Não se força os homens a crer sem primeiro lhes fazer calar a razão, e o silencio da razão é a morte moral do homem.

Uma nação constitucionalmente governada não pode nem deve tolerar que as pretensões do Catholicismo n'ella faciam lei. Não o pode, porque mente á liberdade de que deve a seus filhos. Não o deve, porque a sua dignidade soffreria em ser instrumento de uma instituição que só tem por fim assegurar o dominio clerical, em detrimento das classes socialmente productivas. Aceitar as cadeias do Catholicismo é lançar um escauro na frente da humanidade.

O que seja a Igreja Catholica é cousa

facilissima de comprehender para aquelles que leram a *Constituição Dogmatica* formulada pelo Concilio celebrado a este seculo. Essa constituição é a declaração de guerra á razão humana, á sciencia moderna. Ali com um cynismo despejado combate-se todas as conquistas da civilisação. Ali a Igreja revolta-se clara e evidentemente como inimiga de todo o progresso. Ali ella apresenta-se tendo no nuão os grilhões com que quer alhear as consciencias. Sua attitude é a do carrasco do pensamento, do carrasco da razão.

A Bastilha out'ora em Franca s'atolava o despotismo monarchico. Hoje a Igreja, para o pensador, mais terrivel é que uma Bastilha. A Bastilha era uma prisão e na prisão—vive-se. Mas na Igreja não se vive—morre-se. E a morte que alli aguarda o homem é a mais terrivel das mortes—a da consciencia. Quem dispõe-se a entrar no gremio da Igreja deixa de ser homem. Ser homem é pensar. E a Igreja é a morte do pensamento.

Forçar pela lei civil um povo a acreditar uma tyrannia espiritual é mentir ás leis santas da sociedade moderna. Estabelecer n'uma constituição uma imposição de creença é transformar essa constituição em instrumento de tyrannia. E quando a creença que s'impõe é a da Igreja Catholica tal tyrannia importa na morte da nação. Ser Catholico para um povo equivale á sua absoluta aniquilação. Um povo, que é Catholico de convicção, é um povo que não pensa. Não pensar é declarar guerra ao progresso. O progresso é uma evolução d'ideias a que ninguém se furtu senão morrendo.

E não venham hypocriticamente os secretarios de Roma dizer que a Igreja não é inimiga do progresso. Não venham contradizer o que a sua *Constituição Dogmatica* diz, o que o seu *Syllabus* prova. Não inimiga do progresso—aquella que encarcerou Galileo! Não inimiga do progresso—aquella que condemnou Kepler! Não inimiga do progresso—a instituição que amou Vanini! Não inimiga do progresso—essa Igreja que não trepida em sustentar que o homem não tem o direito de pensar! Não inimiga do progresso—essa infame que em pleno seculo XIX proclamou a *Infalibilidade Papal*!... Sustentar tal paradoxo, fazer-se campeão de tal falsidade, é zombar cynicamente dos homens.

Deixar portanto que uma constituição de liberdade sujeite um povo á creença esterilisaçadora de Roma é preparar uma nação a descambar no tumulo. E o Brazil é joven de mais para que morra assim ingloriamente. Tem demasiada vitalidade para que succumba victima da mais cruel das enfermidades—o fanatismo. Em dos symptomas que acaba de dar da sua força, da sua vida, é a lei que autorisa a elegibilidade dos acatholicos. Seja esse symptomata seguido de um esforço titanico. Rompa o Brazil a cadeia que o prende á Roma dos Papas. Separe a Igreja do Estado, e terá correspondido ás aspirações de todos aquelles que amam a liberdade.

Na batalha, antes torneo da sciencia contra a creença, acaba de avultar o golpe que o Brazil deu. A esse golpe denodado siga-se a estocada mortal. Concorra a filha da America—a nação opulenta, para derribar esse poder centralizador de todo o despotismo espiritual—O Papado. Trabalhe para substituir a Igreja pela

Escola, o Catholicismo pelo trabalho, o amor do Papa pelo amor dos homens, as aulas de Theologia pelas fabricas. De muitos d'actividade a seus filhos, e se parando-os d'uma vez da seita romana, romba-se a sua influencia nociva e espectralisadora. Foga d'ellos operarios: e declare guerra aos seminarios. Prepare lemeas inteis a expulso de seu seo as parasitas.

Acompanhando a sciencia que hoje todo o mundo invade, e cuja influencia o Brazil mostra haver sentido pela lei que a pouco decretou, este grande imperio tem o dever de concorrer para o desenvolvimento da humanidade. Na obra de luz — a progressa, cada nação deve trabalhar como qualquer operario. O Brazil que trabalha portanto, e que salda no grande edificio do aperfeicoamento humano tambem sentira-se pobre.

O século XIX ha-de dizer a sua ultima palavra sobre a luta da sciencia contra a crenga. Já a humanidade se agita aguçando o fim d'esse combate enorme. Já o poivre começa a erguer o seu véo de cima dos combatentes. Já no estudo da sciencia novas verdades scintillam constantes. O Brazil que s'inscreva tambem no biuquel do nobre paladino. Que tambem elle declare guerra à vil crenga, que tambem elle derribe esse phantasma que entorpecera a vida dos povos.

Novos horizontes se rasgam hoje ás nações. A humanidade singra para a perfeição no oceano do presente para o futuro. N'esse oceano ha ainda que combater os negros ventos do passado — esses ventos que acenderiam fogueiras. Combate-os com a sciencia, Brazil!

Se um guerreiro na batalha da luz!

COLLABORAÇÃO

Um casamento de maçon

Contra a expectativa publica, mas com geral satisfacção, realison-se, no dia 1.º do corrente, o casamento do illm. sr. Dr. Tarquinio Lopes, distinto e graduado maçon desta cidade, sem que o bispo diocesano puzesse em pratica as patacudas, que todos esperavam. E não era sem fundamente a apprehensão publica.

Depois que foi suspenso Frei Rufino Freitas por haver confessado maçon; depois dos desluzos feitos ao Conego Purificação por identicos motivos; depois dos infames psiquis contra a maçonaria, escriptos, seguido d'isso, pelo pleante preceptor de s. exc. revm.; era muito de presumir que o primeiro maçon, que pretendesse casar, encontrasse os pillos obstaculos que a egreja romana adoptou contra a maçonaria, para levar a effeito lhos inconfessáveis. Mas felizmente assim não succeder; e o illustre Facultativo, que não fazia mysterio de ser maçon, conseguiu realizar o seu casamento sem embargos, havendo apenas a innovação de apresentarem-se o Cura celebrante sem estôta e soltequelliz, — bagatella ridicula, ordenada por s. exc. revm., que foi vantajosamente substituído pela respeitabilidade do digno celebrante, um dos nossos sacerdotes mais sãos e estimados, cujo procedimento irreprehensivel, pôde servir de modelo a qualquer bispo idiota e envergadura.

Este facto, que parece à primeira vista denuncia de paz da parte do diocesano, nada mais foi do que uma simples transacção.

O sr. D. Antonio d'Alvarenga consen-tiu no casamento do Dr. Tarquinio Lopes, dispensando-o da confissão! porque este distracido maçon, alieno do prestigio e sympathia de que goza, tem na Gôrce parentes altamente collocados e dispõe de uma boa fortuna. E a egreja romana, fiel ao seu velho programma, não costuma lutar com aquelles que lhe possam fazer sombra e de quem pôde faltar grossas patacas.

Não declamamos. Isto não é novidade. Um padrinho não casa com a filha, porque é um feio pecado; mas, mediante qualquer punhado de sedulas, euhora maçônicas, desaparecem os escrú-

pulos e aquella santa e santissimas olhas!!!

Pelo que acabamos de ver, — acontece agora aos maçons; e se não se casara, aquelle que não dispozer de recursos para comprar a salvacção eterna. E ao entretanto *vão os lhos pensamentos que pretendem demolir a seita rebelião!*

Resum brevis.

O Marquez de Pombal.

Abuso.

Em um artigo que publicamos no ultimo numero deste periodico, denunciámos um abuso. Abuso tanto mais digno de ser attenção, quando era praticado por um redactor de um jornal, que se diz *regem dos extraneous catholicos*. Jornal que hostiliza o governo. Jornal — escola da imprensa brazileira.

E o facto que denunciamos passa-se nesta cidade. Passa-se perante todas as autoridades constituidas.

E' heu provavel que as nossas palavras não tenham passado despercebidas ao distinto Sr. Presidente da provincia. Presumpção que se funda nos honrosos precedentes do Sr. Exc.

E, sendo assim, n'esse fim, hoje, s'auxilia a S. Exc. nas pesquisas que por ventura tenha de fazer. Neste caso, vamos apontar-lhe alguns resultados que colhemos de nossas indagações sobre este negocio tam grave.

Não é facto que o *regem dos extraneous catholicos* esteja constantemente a dirigir insultos velados à autoridade, quando elle devera procurar occultar-se completamente, para que não se lhe puzesse a mão sobre os hombros.

O abuso a que nos referimos é de todos conhecido. Ninguém ignora que, máo grado diversas decisões do governo imperial, o capellão capião do exercito, revl. padre Raimundo Alves da Fonseca, occupa os cargos de lente da cadeira de philosophia do Lyceo desta cidade e de vice reitor do Semario de Santo Antonio.

O facto não pôde ser mais escandaloso. Os homens que vivem sempre chamando a attenção das autoridades publicas para seus adversarios, sem os primeiros a violar as leis.

A Resolução de 8 de junho de 1869 prohibe que: — esse conceda licença a officiaes do exercito para serem empregados em logares vitaleiros, ou que se toquem vitaleiros dentro de certo prazo de exercicio, ou a repartições estranhas ao ministerio da guerra.

A disposição é clara. O revl. padre Fonseca é militar. A vista d'aquelle Resolução, não podia de maneira alguma ser nomeado para os cargos que occupa.

A Resolução de 5 de abril de 1870 vem confirmar ainda as nossas asserções, quando dispõe que: — *podese permittir a inscripção em concurso, solicitando os ditos officiaes, demissão do servico do exercito, no caso de serem nomeados para taes empregos.*

Esta Resolução nada deixa a desejar. Ella esclarece a questão sem que reste uma máo duvida. Só um espirito enfermo poderia descurar-lhe.

Estudemos agora a permissão que obtve o revl. padre Raimundo Alves da Fonseca, e que lhos se nos tem objectado.

O governo imperial não podia de maneira alguma conceder-lhe permissão para aceitar emprego vitalicio. Si o fizesse violava uma terminante disposição de lei.

E não o fez. Confiamos bastante no bom senso dos nossos homens d'Estado, para que os julgemos capazes de pôr de lado a lei, com o fim unico de prestar protecção a certo e determinado individuo.

Por portaria de 7 de fevereiro de 1870, teve permissão o revl. padre Raimundo Alves da Fonseca, para aceitar commissões litterarias, tanto em estabelecimentos ecclesiasticos, como civis, sem prejuizo do servico publico.

Ora, ali está a verdade. O revl. padre Fonseca obtve licença, apenas para aceitar *commissões litterarias*.

... de certo, confundirá *commissões litterarias* com empregos vitaleiros.

Uma o não mandado a occupação de um cargo por um certo espaço de tempo, as vezes muito limitado. A palavra *commissão*, do vocabulario *committere*, está dizendo, Outro — a exercicio perpetuo e não interrompido de um cargo.

A differença é, pois, palpavel. O revl. padre Fonseca obtve permissão para aceitar *commissões* e nunca *empregos vitaleiros*.

E nem o governo o podia fazer. As duas Resoluções, que acima citámos, a isto, oppõem-se terminantemente.

Tornam-se, pois, indispensaveis medidas energicas que possam combater delinquente. E o castigo é uma das condições indispensaveis para a boa ordem e disciplina militar.

No intuito de auxilia a S. Exc. o tanto digno Sr. Dr. Presidente da provincia, quando tenha de tomar providencias sobre este negocio, pedámos-lhe para lendar-lhe as a Circular de 23 de outubro de 1861 determinando que: — *serão processados os officiaes que, sem licença, accedem ao servico estranho à repartição da guerra.*

Para, portanto, a autoridade competente o que a lei determina. Fica-se justica. Si o revl. padre Fonseca delinque, — como piamente acreditamos, — recai sobre elle a acção da lei. Si, porém, assim não é, si elle podia accediar a occupar empregos, não obstante as terminantes disposições, que citámos, seja abalizado.

O processo, de que trata a Circular de 20 d'outubro de 1861 é em todo caso indispensavel.

Se por meio delle se podera tirar este negocio a limpo, só por meio delle fizesse a inteira justica.

A illustração e o criterio do distincto cavalleiro que actualmente administra esta provincia são um prelor de que nossas palavras não serão impropias.

Rego.

A suspensão de frei Manoel Rufino de Sant'Anna Freitas e o revl. sr. Bispo Diocesano.

Ha dias corre, com certa insistencia, entre a população d'esta capital, que s. exc. revm. o sr. bispo diocesano, suspendera de confessar, por motivos que até agora ignoramos, a frei Manoel Rufino de Sant'Anna Freitas.

A primeira vista o caso não parece ser digno de attenção, pois sendo s. exc. revm. a primeira autoridade ecclesiastica da provincia, pode lançar mão de semelhante medida, visto attahese ella dentro da alçada de suas attribuições.

O facto, porém, não deve ser encarado somente por essa face, e sim por outra muito importante, sobre a qual posturas a s. exc. revm. haja de dar-nos algumas explicações.

A suspensão de qualquer funcionario do exercicio de seu cargo é coisa muito importante e que deve ser esclarecida o mais que for possivel, afim do publico poder formar seu juizo, em vista dos motivos que determinaram a execução de tão forte medida.

Na epocha qu'atravessamos, quando nesta provincia em nome da egreja romana, tres em quatro sacerdotes, esquecidos completamente dos deveres que a sua profissão lhes impõe, tentam com todas as forças, e ponto em pratica os meios mais torpes e aviltantes, plantar a discordia no seo da nossa sociedade, que concia de seus direitos repelle com a ponta do pé as theorias futeis e caducas que constantemente estão a apregoar. N'erta epocha em que estes pigmeus, desconhecedores completamente da nenhuma força que possuem, revestidos de uma osadia digna de severa punição, buscão accender o facho da discordia entre os habitantes desta boa terra que, compadecida de ridoendo papel que estão todas os dias representando, vota-lhes o maior completo desprezo.

Nesta epocha em que a Maçonaria, ins-tinctiva e respeitavel — conta em seu seo homens eminentes — vitoriosas notabilidades de diversos países, vê-se atacada por esse bando de aventureiros facinorosos que si têm um unico fim — a heresia — embora tenham para isso de sacrificiar o que houver de mais nobre, mais verdadeiro e de mais santo, uma vez que oppoem-se ao desenvolvimento d'aquelle pelo que trabalham, tornam-se a suspensão do reverendo Frei Rufino um facto importantissimo por mais de um motivo.

S. exc. revm. logo que suspendeu-o, não devia ficar calado sobre a causa que a isso o levou e sim entregal-o ao dominio publico, o qual havia a inteira justica si por acaso s. exc. a fizesse.

Se proceder bem, deve estar completamente satisfeito e com a consciencia tranquilla, e então não era preciso tanto mysterio, pois ninguem é accusado de cumprir fielmente seus deveres. Se pelo contrario, reconhecem s. exc. um seu acto um grave erro, devia antes que tudo reparado visto que não soube impell-o. Em todo caso era forçoso que a fraude transparecesse afim de varrer dos espiritos a duvida que nada adianta.

Calabryse deita maneira, fern s. exc., uma das *opelladas passalores*, que conductos a loba trouse as alças de que adalzanca é s. exc. um dos representantes, por pigélas intels, pre-judiciaes e incompativeis ao desenvolvimento e progressa do século XIX?

Se s. exc. julga-se desprovido completamente de cedeias, poltre de comovimentos, sem luzes, enfim, firme, para receber com firmeza os lhos certos com que os seus inimigos buscam ferir-o, recorra ao sr. conego Mourão, *moço paladino dos tempos actuaes*, que, cremos, o defendera. Não tem s. exc. crendo lutas antipolicias, adquirido iniauzados, soffrido naufragos de hora, falsando mesmo de alguma maneira a elevada posição que occupa, por causa do sr. conego Mourão, que, buscando suble lança mão de todos os meios a seu alcance, mesmo ainda que possa assim prejudicar ao saego e tranquillidade da possessão de s. exc.? Por que não o faz?

Estamos certos que o sr. conego Mourão não se negará a isto, provando assim parte do reconhecimento de que lhe é devedor.

Não tem s. exc. a sua disposição um jornal que diz de defender as lhas catholicas, mas que a nosso ver, longe de conseguir por ora seu intento, tem pelo contrario, espalhado doutrinas sem serventia alguma, tornando-se uma verdadeira inutilidade no mundo das letras?

Defenda, explique seus actos, ou peça que lhos façam. Em vez de occupar as columnas do nosso exercicio com exercicios que nada adiantam e transcripções de discursos de consunados euhoras, — *casas desnecessarias completamente*, — que absorvem e entusiasmam o leitor, explique s. exc. seus actos, para que não haja duvida sobre ellos, deslaca as interpretacões que possam apporcer, defendase das accusações de que for alvo que s. exc. conseguira melhorar a critica posição que para si está crendo.

O sacerdote de que tratamos sempre gozou entre nós o conceito de fiel em-pendedor de seus deveres.

De repente applica-lhe s. exc. revm. a pena de suspensão.

Qual foi o seu crime?

E isso que descrevamos saber.

Si em effeito foi elle culpado, so commetter qualquer acto indigno de um verdadeiro sacerdote, o publico desaja saber, pois assim como o respeitava tem o poder e direito de repell-o logo que elle tornasse digno d'isso.

Si está innocente, si foi um erro de s. exc. revm., da mesma forma temos o direito de sabel-o afim de censurarmos o seu irreffectivo procedimento e procurarmos restabelecer em nosso espirito a mesma lha biongora que d'antes faziamos a respeito de Frei Rufino.

S. exc. porém calou-se. Não dá satisfacções de seus actos. Julga estar entre

um povo que deixa-se levar, tomando de sua autoridade e illustração.

Engana-se completamente si pensa d'esta forma. O povo maranhense sabe respeitar a autoridade quando ella faz-se credora d'isso, admira e tem muito respeito á illustração, pois della espera receber ideias salutaras d'onde possa adqverir alguma coisa que lhe seja útil.

Mas com s. exc. não aconteceu isso. S. exc. julga que por ser uma autoridade, pode calar aos pés a cabeça do povo e perturbar-lhe a tranqüillidade.

Pela illustração e intelligencia não pode s. exc. impor-se pois nem por um momento poderia o povo cular-lhe tão louca phantasia.

Collocado s. exc. n'esta circumstancia, tem triste a realidade, avançamos a dar-lhe um conselho.

Proceda com prudencia, agrade seu rebanho, expouza clara e francamente sua maneira de proceder, ou então resigae para sempre das honras de que se acha revestido. Agora um lugar para quem o possa desempenhar satisfatoriamente.

Esperamos ser elucidados sobre a questão, de que para adiante não mais vagar nos occuparemos.

Quear d'Acv.

O ultramontano.

Eis aqui um templo catholico. Está aberto. Entremos.

Sabeis que homem é aquelle que acaba de sair do confessorio e que sabe a escada do pulpito?—É um ultramontano, o velho rondor da consciencia humana.

O ultramontano está sempre em toda a parte, sob todas as formas, em todas as apparencias. Privilegio concedido ao mal, somente ao mal. Escandido no confessorio apodera-se da alma. Trepado no pulpito ataca a liberdade. Desesperados esforços da mentira agonizante.

O ultramontano é a mais elevada expressão da hypocrisia. A hypocrisia é Judas beijando Christo. É Satan com rosto de Cain.

O ultramontano é a enorme deformidade moral, terrivel e horrenda, em serviço do passado escuro e tenebroso:—o penitencioso, absurdo intoleravel ante o qual a historia para e passa. Ha cousas que nem sempre se explicam.

O ultramontano sente por sobre si alguma coisa maior do que elle que o esmagava pouco a pouco. Então reúne todas as suas forças e tenta erguer-se, como se fosse possível ao repli erguer os Andes. E solta, como a fera vencida no covil, um rugido atreador e feroz, triste e sinistro, no que chamamos—conclílios, excommunhões, bulas e syllabus.

O ultramontano, que é a reacção em todo o seu desenvolvimento maligno, em todo o seu desespero e em toda a sua pequenez, transformam a cruz de Christo em punhal de lendido. E é assim que elle ataca os povos na estrada da vida humana.

Elle acaricia com uma das mãos e com a outra apunhala. Tem todas as mãos da lige e todas os venenos da vibora.

O ultramontano para poder viver deixou de ser homem. E ó desaparecimento do homem no homem é a mais triste das metamorphoses. Aniquilou o humano e teros o deshumano. Salva é a desaparição de Lucifer.

Elle acaricia com uma das mãos e com a outra apunhala. Tem todas as mãos da lige e todos os venenos da vibora.

O ultramontano para poder viver deixou de ser homem. E ó desaparecimento do homem no homem é a mais triste das metamorphoses. Aniquilou o humano e teros o deshumano. Salva é a desaparição de Lucifer.

El-o que acaba de fallar. Sobre que fallou? De tudo e de nada. De tudo, porque tratou de altas questões philosophicas e sociaes, e de nada, porque o seu auditorio, na maior parte ignorante, não o comprehendu. Tactica seguida por quasi todos os oradores sagrados. Fallam do que não devem fallar. Esquecem o que não deviam esquecer.

Acaso desenvolveu elle, n'uma linguagem clara, precisa, sem arrojos de eloquencia, sem floreos de rhetorica, algum ponto importante de moral? Acaso mostrou elle quaes são as obrigações de uma mãe de familia? os deveres d'um

filho? os compromissos d'uma esposa? Não. Disse somente que era preciso rezar muito, muito e muito, mortificar bastante o corpo, jeajar todos os dias e passar todo o tempo na egreja; disse que odiava a Maçonaria, os livres pensadores, e a liberdade da consciencia. Malhita a seita que impõe o odio ao coração humano!

Por ventura um ultramontano pode tratar de moral, elle que é um foco de immoralidades? Não. Aquella boca, por cujos labios sahiram os nomes de Jesus e de Maria, acabou á pongo de mentir e de deixar a amante... Aquellas mãos, com que benzeu-se e abençoou o povo, em nome de Deus, talvez tivessem esbofetado o rosto d'alguma feiz rival...

Elle pode fallar em amor, esse sentimento que é uma das grandezas humanas, elle que nunca amou licitamente, que nunca ponde dizer á sociedade:—esta mulher é minha esposa, é mãe de meus filhos—? Não. E no entanto fallou. Hypocrita! Pode elle fallar em pureza de consciencia, elle que tem o espirito peido de remorsos? Não. E no entanto fallou. Cyral! Arrancai a mascara desse Doufou e vereis a figura atomizavel do tratante.

De que fallou mais? Da Maçonaria. Elle ali foi grande e abundante. A calunnia, a infamia, a mentira, tem seus momentos de grandezza, que chamaremos grandezza poptena, se nos permitirem a expressão. O objecto tem tambem a sua enormidade.

Atacou, com furia de maluco, a reforma eleitoral, e o governo foi alvo de suas injurias. Atacou, com o desespero d'um possesso, o movimento revolucionario do grande seculo. Condemnou todas as liberdades humanas, com a cegueira d'um espirito embruteado pelo fanatismo. Enfim, philosophou muito.

Quem sabe se o asno, quando zurra, não está philosophando? Ha cousas que existem e nós ignoramos.

O sermão que ouvimos foi do filho de S. Sulpicio. O que disse esteve na altura da sua pessoa. Já o conheciamos. E como não, se as suas—cartas—contra maçons estão sendo traduzidas na Alemanha! O seu physico indica logo quem é—o reaccionario romano—homem cujo espirito é um milho de vampiros, cuja consciencia é um pedaço grande de carvão, cuja intelligencia é uma sentina. Heam isso tudo e teros a hediondez humana.

O ultramontano é uma peste para a humanidade. Fugi dos miasmata.

O miasma é a morte.

Fugi.

Garibaldi.

Janairo de 1881.

Transformação.

«O diabo, em pessoa, o proprio, alçando a cruz, estourou e do enxofre a seda toda echeu: elle—o genio da mal, terrivel—ante a luz, sumiu-se pelo espaço, em treva s'envolveu.

«O poderoso irmão phosphorico morreu um dia n'uma loja; enfia eis que rebuz um novo pensamento: o bicho, o tal judeu não ha-de mais voltar aos filhos de Jesus!»

Baldado pensamento! A larga da materia domina e não se estraga. Soldado da miseria Satan não é magou, parece d'outra raça.

«Át vem mais astuto. Olha-o. De latina, «stá promovendo o mal, cavando uma ruína e, cheio de cautella, á cruz até se abraça! Em 15 de Janeiro de 1881.

João F. Grouzell.

ECHOS DA RUA.

Tendo-se vulgarizado o boato de que este topico—*Algumas lexiandaxes que a novidade irreflectida etc.* etc.—que se lê em um artigo do Tamarco intitulado—*os partidos e o seo catholicismo*—é uma indirecta a O PENSADOR, convidamos a illustrada Redacção do órgão liberal a

desnascarem os noveleiros e por os jombos nos 11.

—Ficamos esperando.

O perigoso importado, essa infame perturbador da paz dos maranhenses, faz no seo 9.º pasquim covardes insinuações a um alto e digno Magistrado, considerando-o capaz de transgredir a lei, quando julgar magous.

—Este tartufo está fazeudo jus a uma frição d'umbigo de boi.

O infame gabellado diz no seo 9.º pasquim que elle pode dar lições sobre maçonaria.

—Acreditamos. Principalmente se fur maçonaria das orphãs.

Disse mais João Monro grande que não foi á rua das Creoulas por motivos de consciencia.

—E mentira João. Tu não foste por amor do teu santissimo umbu.

O Vigário de Pirocama compra todos os dias, na Repartição, 800 reis de gobo-seimas!

—Safa! e nunca teve um voto!!!

O perigoso importado combatendo na Vieira n. 23, uma mimosa puezia do inspirado Gonçalves Crespo, diz bestialmente que ella é chata!

—Ao ler isto, afigurou-se nos ver a lesma balando a bella roza.

Bristol e Pirocama, que já hviraram por causa de routhos literarios, hoje de braço dado exploram a Santa religião!

—O Diabo as fez e o perigoso os ajudou.

Frei Mayrico e uninia está em vespuras de perder a pingue mamadeira.

—Coitadinho do feizo...

Domingo, 9 do corrente terminaram as Pastorias no Convento e quando já todos se despediam saudosos d'aquella padeira, levanta-se D. Gercha, olho virado e lingua de fora, e conta todo se lambendo, no tom dos Reis da Bahia, estas mimosas quadras:

Dei os CONTOS ao Zé Bento. Mas apunhei o lugar. Qu'importa que eu seja burro. O qu'en quero é pandegar.

Coro das Pastorinhas:

Adens Touco, Meu lindo amó, Para o anno voltaremos Cantando cocorós.

Por isso não admira Qu'en diga asneira em sermão. Eu fui criado no malo, Nunca tive educação.

Coro etc.

Fui vaqueiro e fui soldado. Tenho os vicios da tarulada. No samba ninguém me ganha. Sou valente na marinha.

Coro etc.

Jogo o sóco e jogo a laca. Sei tambem jogar o pio. Toco corneta por musica. Tambem toco birimbó.

Coro etc.

Não nasci p'ra cosas sérias. Sou um grande papalhão. Eu nunca tive juizo. Não o crio em Maranhão.

Coro etc.

Mas culpado é quem me deo Um lugar tão eminente; Quem foi burrinho em poqueno Nunca pôde virar gente.

Coro etc.

A beata do cacetinho anda de porta em porta, toda chorosa, pedindo pelo amor de Deus que não tirem a cadeira de seo paizinho.

—Descance nha Tuca, se lhe tirarem a cadeira, nós lhe daremos um bauru... de sapateiro.

O Vigário de Pirocama comen em uma noite de theatro—36 pasteis de camarão e 3 pães!

—E a Camara municipal não aproveitou a limpeza d'estes para a limpeza das nossas praças!!!

O Revd. Frei Ozorio continua n'este anno o numero do anno passado.

—E' muito cyrico este infantil.

O Revd. Britto, esse tartufo que tanto danna causou aos caxienses não fillou a mitra de Pernambuco.

—Bem haja o governo brazileiro e nossos pezames ao conego Burrão.

Que differença ha entre o Camo CIVILISADO e a CIVILISADO?

—Nenhuma, pois ambos tratam de consubstias santas...

O TRINTA—jornal que se publica em Lisboa—traz no seu n. 264 um importante artigo historico descrevendo a SOVA de vergalho, que D. Pedro I.—o justiceiro, deo por suas proprias mãos em D. Egídio bispo do Porto.

—Que pena que já não hajam d'aquelles Pedros, hoje que ha tantos Egídeos.

Movimento dos templos—Santo Antonio na sexta-feira ultima:

- Beatas symphonias..... 8
Ditas da maroteira..... 18
Theozmreia encorpada... 1
Zeladora comprida..... 1
Grande chefe coxé..... 1
Seo pausinho direito..... 1
Jesuitas sem brio..... 3
Curiosos diversos..... 44
NB.—Seo Pureza foi e Nha Poly tambem.

Pauta semanal das visitas de D. Gercha ao Convento.

- Janairo—1881.
7—Não foi passar as moças.
8—Não foi jogar o nickel.
9—Entrou ás 7 horas, dançou de Gallego, cantou os Reis, deo-se ao desfruto e saiu a 1, com um infantil.
10—Não foi servir de bobo.
11—Não foi comer angh.
12—Não foi dizer asneiras.
13—Não foi fazer sandices.
14—Entrou ás 6 h2, esteve ridiculo como sempre e saiu as 11 cam. um infantil.
15—Não foi cocorcar.
16—Entrou ás 6 h2, tomou jussára e saiu ás 11 h2 com um fornigho.

Sovor Pompadour.

CHRONICA.

Corre entre nós, transcripto em dous jornaes diarios, um artigo do celebre orador Emilio Castellar, sobre Os mortos de Paris.

É uma especie de composição scenographica, com machinismos, transparentes, allegorias, malacachetas, filós e fios de prata, disposto tudo isto com arte e arranjado ahí para qualquer theatro de magicos, com o fim de levantar a plebea burguezia e entur e os cofres do empresario.

Todavia entendemos que esses effectos theatraes armados na tribuna, que só produzem illusão vistos a certa distancia e ouvidos em circumstancias especies de nervos, com amolecimento do raciocinio, longe de ser cousa para se louvar e applaudir, é ao contrario o facto mais censuravel, esteril, mais pulha e mais corriqueiro, que se pode effectuar em nossos dias.

O que se aprende lendo o discurso de Castellar é—que philosophia nos surprehende, identificando-nos com as suas halas de rhetorica, e engolindo os seus adjectivos retumbantes?—que idéas nos animam e nos fortalecem?—que exemplos nos aconselham?—

